Mons. de Ségur, Mons. Lefebvre e o “una cum”…

por Abbé Olivier Rioult | 1º de fevereiro de 2017 |

Os nossos distintos colegas da respeitável revista *Le sel de la terre,* na sua edição n°90 do outono de 2014, tinham publicado um documento sob o título “Mons. Lefebvre e o ‘una cum’”.

A Sapinière tem o prazer de apresentar hoje um “novo” documento para o arquivo: o de um autor católico e contrarrevolucionário acima de qualquer suspeita: Mons. de Ségur.

Este documento nos permitirá, se não resolver o mistério de iniquidade, pelo menos compreender melhor o verdadeiro sentido dessa expressão litúrgica “una cum”. E, uma vez compreendido o verdadeiro sentido desta expressão, graças a um julgamento de autoridade, veremos quais são as consequências práticas que podem decorrer dela.

Mons. Lefebvre e o “una cum”

Vamos relembrar primeiramente o trecho da conferência de Mons. Lefebvre, durante um retiro pregado às religiosas de Saint-Michel en Brenne, no dia 1º de abril de 1989.

Mons. Lefebvre fala de « *Dom Guillou* » a respeito das « *orações do Cânon romano* » e do « *famoso una cum* ». Mons. Lefebvre considera « *ridículo* » o julgamento que alguns católicos fazem sobre o sentido dessa expressão litúrgica “una cum”:

> « *Eles alegam que quando se diz “una cum summo Pontifice”, com o Papa, então você adota tudo o que o Papa diz. É ridículo! É ridículo. Esse não é de forma alguma o sentido da oração “Te igitur clementissime Pater”. Veja como traduz Dom Guillou, uma tradução muito exata e que vai muito bem, justamente:*
>
> « *“Nós Vos pedimos, portanto, com uma profunda humildade, Pai muito clemente, e Vos conjuramos por Jesus Cristo, Vosso Filho, Nosso Senhor, que aceite e abençoe estes dons, estes presentes, estes sacrifícios, puros e sem mancha, que Vos oferecemos primeiramente* ***por*** *[pro] a Vossa santa Igreja católica. Que Vos apraz de lhe dar a paz, de a guardar, de a manter na unidade, e de a governar por toda a terra, e* ***com ela*** *[una cum], Vosso servo, nosso santo Pai o Papa…”*

« Não está dito nessa oração que nós adotamos todas as ideias que o Papa possa ter ou todas as coisas que ele possa fazer. "Com ela Vosso servo, nosso santo Pai o Papa, nosso Bispo e todos aqueles que têm o culto da fé ortodoxa católica e apostólica". Portanto, na medida em que, eventualmente, infelizmente, os Papas não tenham mais… nem os bispos… sejam deficientes na fé ortodoxa, católica e apostólica, bem, nós não estamos em união com eles, não estamos com eles; claro. Nós rezamos pelo Papa e por todos aqueles que têm o culto da fé ortodoxa católica e apostólica."

A redação do *Sel de la terre* pretendia confirmar o que acreditava ser « *o verdadeiro sentido dessa oração* » acrescentando um texto de São Tomás (III, q. 83, a. 4). É louvável para uma revista tomista citar São Tomás, mas a citação do Santo Doutor não era útil nem decisiva aqui.

De fato, o que diz São Tomás nesse artigo muito sintético sobre todo o rito da missa? Ele escreve simplesmente que no cânon se oferece o sacrifício para (pro) a Igreja universal e para (pro) aqueles que estão constituídos em dignidade. Mas isso é uma evidência que ninguém jamais contestou: na missa, se reza pelo papa… São Tomás não especificou, pois seu objetivo não era tratar a fundo dessa questão, que se reza pelo papa na medida em que ele está unido (una cum) à Igreja, na medida em que ele é "pedra", ou seja, princípio de unidade e firmeza na fé. São Tomás, portanto, não considerou o caso de um papa que não estivesse mais unido (não una cum) à Igreja devido à sua contradição da fé tal como expressa pelos seus predecessores na cadeira de Pedro.

A *tradução* de Dom Guillou é bem fiel, mas é a *interpretação* restritiva da expressão "una cum" como um simples "pro" que é problemática.

Um documento citado por Mons. de Ségur nos permitirá ver mais claramente, pois diversas interpretações circulam sobre o sentido a dar ao "una cum".

Por exemplo, no Dicionário de Teologia Católica, no artigo Missa (t. X, col. 1395), o autor, Dom Cabrol, escreve: « *em união com o Papa e os bispos em união com ele* ». No livro Explicação da Missa, o P. Le Brun escreve: « *Una Cum Famulo Tuo… com nosso Papa N., Vosso servo* » (p. 374, Éd. du Cerf, 1949). Em cada um dos tomos de *L'Année Liturgique*, Dom Guéranger apresenta o ordinário da Missa. Em cada vez no *Te igitur*, ele escreve: « *…dirigi nosso bispo que é para nós o vínculo sagrado da unidade.* » O Missal diário e vesperal de Dom G. Lefebvre de 1950 diz: « *Nós Vos oferecemos para a Vossa santa Igreja… em união com Vosso servo, nosso Papa…* » Enquanto o Missal diário francês de 1965 do Padre Feder s.j. diz: « *Nós os oferecemos ao mesmo tempo por Vosso servo, nosso Papa…* »

Mons. de Ségur e o "una cum"

Mons. de Ségur trata *Des saints mystères* no Tomo X de suas obras (1887). No capítulo "Das cerimônias do Cânon da Missa até a Consagração", lê-se:

*« Essas palavras, "dona, munera, sacrificia", estão no plural e não no singular; pois, embora o sacrifício de Jesus Cristo, que vai ser renovado sobre o altar, seja único, ele se apresenta, no entanto, acompanhado dos inúmeros sacrifícios dos membros do Salvador, que são todos os seus fiéis, e que formam com ele uma só pessoa moral, "Christus totus, o Cristo todo inteiro", como diz São Agostinho. As oblações, transformadas no Corpo e no Sangue do Salvador, têm como objetivo final passar, pela comunhão, para os fiéis, e consumir esse mistério de união, essa unidade do sacrifício. O Sacerdote reza nominalmente pelo Papa, pelo Bispo do diocese e por todos os fiéis (**cf. nota**), que ele apresenta a Deus como fazendo apenas um com ele na caridade. »*

Em seguida, Mons. de Ségur dá a nota seguinte ao pé da página, que é soberanamente importante para o nosso tema:

« *Na França e em alguns outros países, acrescenta-se, por concessão expressa da Santa Sé, o nome do Soberano, após o do Bispo. Mas deve-se notar aqui uma observação importante. Antigamente, quando a sociedade estava constituída regularmente e catolicamente, o rei cristão fazia oficialmente parte da Igreja, a título de "Bispo de fora", braço direito, defensor nato e filho mais velho da Igreja em seu reino! Por causa disso, ou se dizia e deveria dizer-se: "**Una cum** Papa nostro N. et Antistite nostro N. et rege (ou imperatore) nostro N. et omnibus catholicæ et apostolicæ fidei cultoribus." Agora que a ordem providencial da sociedade está perturbada, o Soberano não faz mais parte oficial da Igreja senão a título de simples batizado, e não mais a título de hierarca, especialmente quando não é sagrado. Assim, na concessão Apostólica, é ordenado acrescentar antes do nome do Soberano uma palavra que parece insignificante à primeira vista, mas que expressa perfeitamente a mudança de situação que acabamos de assinalar. Deve-se dizer "et **pro** rege (ou imperatore) N…" Este pro é suficiente para separar o nome do Soberano moderno do nome do Papa e do Bispo, agora apenas, hierarcas ou chefes eclesiásticos. O pobre Soberano, despojado de seu antigo e sublime privilégio, não é mais considerado oficialmente pela Igreja senão como um simples cristão, para o qual é conveniente rezar nominalmente, devido à imensa influência que pode ter para o bem como para o mal nos assuntos da Igreja. Portanto, é ordenado dizer nesse ponto do Cânon: "**Una cum** Papa nostro N. et Antistite nostro N. et **pro** imperatore ou rege nostro N., et omnibus, etc." Esta fórmula é obrigatória. Foi decretada pela Congregação dos Ritos.* »

O verdadeiro sentido do "una cum" e suas consequências…

Não é necessário um grande comentário ou ser um grande teólogo para entender que o *una cum* não tem o sentido de um simples *pro*. No cânon da missa, não se reza apenas ***por*** o Papa, mas também ***com*** ele na medida em que ele mesmo está em ***união com*** a Igreja, como princípio visível de unidade na fé ortodoxa.

É por isso que a rubrica do missal para o caso em que um bispo celebra a missa indica que ele deve rezar pela Igreja « *una cum famulo tuo papa nostro et me indigno servo tuo* », o que significa que ele reza pela Igreja com a qual está unido, o Papa e ele, o indigno servo episcopal.

Pode-se, portanto, abandonar razoavelmente a *interpretação* de Dom Guillou. Pois, embora a autoridade desse beneditino em matéria litúrgica seja real, sua opinião perde consideravelmente sua força quando contraria um julgamento da Congregação dos Ritos.

Infelizmente, a Congregação dos Ritos nunca deu rubricas para o caso de um Papa herético. Essa ausência de decisão litúrgica nesse campo nos remete às diferentes opiniões teológicas que circularam sobre o assunto entre os teólogos católicos.

O que fazer quando o Papa nega publicamente a fé da Igreja? Pode-se afirmar que ele não faz mais parte oficialmente da Igreja?

Sobre o Papa herético, deve-se notar que os teólogos nunca chegaram a um acordo preciso e unânime sobre este ponto.

Em geral, a maioria dos autores acreditava até que seria mais provável que o Papa não pudesse cair na heresia. Mas como nem todos mantinham essa opinião como certa, vários analisaram a hipótese de um Papa que se tornasse herético e, por isso, tomaram posição sobre a eventual perda de seu pontificado. As respostas sobre essa questão podem ser reduzidas às seguintes opiniões: um Papa que cai na heresia, mesmo que puramente interna, perde *ipso facto* o pontificado; ou se o Papa cai na heresia, ele não perde seu cargo; ou o Papa herético não é deposto *ipso facto*, mas deve ser declarado deposto pela Igreja, sendo esta última opinião considerada como « *a mais comum* »; ou o Papa herético é deposto *ipso facto* no momento em que sua heresia se torna manifesta, sendo esta última opinião considerada como « *a mais provável* ».

Seja como for, os fatos nos obrigam a constatar que aquele que está sentado na Cátedra de Pedro contradisse a fé católica de maneira herética mais de uma vez. Em resumo, lembremos dois simples fatos que manifestam essa desvio herético em Francisco.

1) Em sua carta "*Amoris Laetitia*", Francisco afirma: "São João Paulo II disse que os textos bíblicos 'não oferecem base alguma para sustentar a 'inferioridade' do matrimônio ou a 'superioridade' da virgindade ou do celibato" devido à abstinência sexual (Catequese, 14 de abril de 1982)" (n° 159).

Isso é falso e herético. De fato, o Concílio de Trento, com base em três textos bíblicos (Mt XIX,11; I Co VII,25; I Co VII,38-40), afirma:

> "Se alguém disser que o estado do matrimônio deve ser colocado acima do estado da virgindade ou do celibato, e que não é melhor nem mais feliz permanecer na virgindade ou no celibato do que contrair matrimônio, seja anátema" (Sess. XXIV, 10º cânon sobre o sacramento do matrimônio).

Portanto, Francisco negou publicamente um dogma de fé, uma vez que Pio XII lembrava que "esta doutrina que estabelece a excelência e superioridade da virgindade e do celibato sobre o matrimônio já foi enunciada pelo divino Redentor e pelo Apóstolo das Nações; do mesmo modo, no Concílio de Trento, ela foi solenemente definida como dogma de fé divina, e os Pais e Doutores da Igreja sempre foram unânimes em ensiná-la" (Sacra virginitas, 25 de março de 1954).

2) O segundo fato data da época em que Bergoglio era cardeal, alguns meses antes de sua "eleição" para o sumo pontificado. De fato, ele participou, em 14 de dezembro de 2012, da festa judaica de Hanuká, festa que simboliza a resistência espiritual do judaísmo à assimilação grega, e acendeu, usando a quipá, os 7 círios da menorá. Ora, segundo São Tomás de Aquino, "observar sob o regime da graça as prescrições da lei mosaica" é "um pecado quase igual à idolatria, porque ambos são espécies de superstição, que é uma falta mortal" (2a 2ae q. 94 a. 3 ad 5).

Para aqueles que desejam mais informações sobre as abominações de Francisco, recomendamos a obra de Miles Christi, nas Edições Saint-Rémi: "Três anos com Francisco, A impostura bergogliana".

De qualquer forma, os dois fatos relatados são suficientes para mostrar que Francisco, tanto antes quanto depois de sua elevação ao pontificado, é no mínimo suspeito de heresia e superstição judaica. Portanto, ele está longe de fazer parte "daqueles que têm o culto da fé ortodoxa católica e apostólica", para falar como o cânon da missa.

Uma vez que Francisco cai sob o anátema público da Igreja (através do Concílio de Trento), por que considerá-lo oficialmente unido a Ela?

Observemos ainda que, mesmo induzido em erro sobre a verdadeira interpretação do "una cum", o que levou a certa incoerência prática nele, Mons. Lefebvre tinha, no entanto, dado, como impelido pelo bom senso e ainda mais por seu senso teológico e seu senso da fé, o princípio que permitia uma boa ação prática: o de excluir o nome daqueles que, embora bispos ou papas, não estão mais unidos à Igreja por terem contradito a fé ortodoxa. Mons. Lefebvre certamente nunca colocou esse princípio em prática durante as orações do cânon da missa, mas ele o estabeleceu.

De fato, Mons. Lefebvre admitiu como princípio que:

> "na medida em que os Papas fossem deficientes na fé ortodoxa, católica e apostólica, não estaríamos em união com eles."

Por quê?

Porque essas pessoas, "deficientes na fé ortodoxa e católica", não estão mais unidas, "una cum", à Igreja.

Não haveria uma certa incoerência com a realidade em colocar o nome de Francisco ao lado do nome de todos os bispos "que têm o culto da fé ortodoxa, católica e apostólica"? Não seria preferível silenciar esse nome no cânon da missa? Não devemos silenciar os nomes dos hereges, pois eles não estão "*una cum ecclesia*"?

O Padre Roy, então sacerdote da FSSPX, em um sermão corajoso, concluiu com bom senso que a luta da fé exige que declaremos Francisco como o que ele é - um inimigo de Nosso Senhor Jesus Cristo:

> "A questão que devemos nos fazer é: 'Essas pessoas são católicas? Elas ensinam o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo ou ensinam outro evangelho?' Creio que se nos estabelecêssemos nesta verdade, não haveria todas essas divisões que encontramos entre nós... Peço-lhes que orem para que saiamos dessa ilusão, que voltemos à verdade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que anatematizemos essas pessoas, que mostremos essas pessoas que pregam outro evangelho que não o de Nosso Senhor Jesus Cristo, como sendo inimigos de Nosso Senhor Jesus Cristo... Que Nosso Senhor Jesus Cristo não nos faça aceitar essa mentira, que nos estabeleçamos na comunhão dos hereges, a comunhão daqueles que abandonaram a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo."

A Redação do site Lasapinière.info